

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Queda das Ditaduras e a Emergência dos Cinemas Novos na Grécia e em Espanha

22 e 28 de abril de 2026

HAPPY DAY / 1976

um filme de **Pantelis Voulgaris**

Realização: Pantelis Voulgaris / **Assistente de Realização:** Takis Katselis / **Argumento:** Pantelis Voulgaris (adaptado do livro “O loimos” de Andreas Franghias) / **Direção de Fotografia:** Giorgos Panousopoulos / **Montagem:** Aristeidis Karydis-Fuchs / **Assistente de Montagem:** Takis Giannopoulos / **Som:** Nikos Ahladis, Thanassis Arvanitis / **Compositor:** Dionysis Savvopoulos / **Música:** Orestis Laskos, Dionysis Savvopoulos / **Coreografo:** Giannis Flery / **Departamento Técnico:** Tassos Alexakis, V. Anastasakos, Stavros Partheniadis, Dionysis Petroutsopoulos, Nikos Tsalis / **Figurino:** Yannis Kalaitzis, Ioulia Stavridou / **Cenários:** Yannis Kalaitzis / **Interpretação:** Zorz Sarri, Giorgos Moshidis, Stavros Kalaroglou, Nikos Bousdoukos, Kostas Fyssoun, Constantino Tzoumas, Stathis Giallelis, etc.

Produção: Greek Film Center (GFC) / **Produtor:** Petros Raptis / **Departamento de Produção:** Dimitris Dimogerontakis, Thanos Djavellas, Giorgos Katakouzinis, Lambros Liaropoulos, Nikos Margaritis, Mary Shoina, Miltos Shoinas, Yorgos Tsemberopoulos / **Cópia:** DCP, cor, legendado em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 102 minutos / **Estreia Mundial:** Thessaloniki Film Festival, setembro de 1976 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Há títulos cuja simplicidade da ironia basta para condensar um dado ambiente – ou regime. **Happy Day**, de Pantelis Voulgaris, pertence facilmente a essa categoria em que o nome funciona como sentença e acusação. Nada há de feliz neste “dia” passado numa ilha árida do mar Egeu transformada em campo de reeducação para presos políticos. Por mais paradisíaca que a ilha seja, algo logo evidenciado na cena de abertura, a felicidade não é nada mais do que aquilo que a autoridade exige: sorrisos, disciplina e gratidão. Um pesadelo luminoso. Em vez de uma gráfica explosão de violência a tormenta surge aqui como administração meticulosa da aparência até ao ponto de despersonalização.

Realizado apenas dois anos após a queda da ditadura dos coronéis (1967-1974), **Happy Day** participa no esforço do cinema grego em visitar traumas ainda recentes, mas fá-lo recusando tanto o naturalismo como a reconstituição literal, sem abdicar de um forte pendor neorrealista. A escolha do realizador não é inocente: Voulgaris conhecia aquele mundo por dentro, tendo ele próprio sido preso e exilado pela junta militar na ilha de Yaros, embora Makronisos seja o local evocado no filme. A ilha no filme não é, no entanto, diretamente nomeada, passando a representar de certa forma a generalidade dos espaços de exílio, tortura e “reeducação”, assim como de qualquer sistema político que pretenda corrigir consciências pela humilhação quotidiana, Tudo no cenário da paisagem grega. Papatheodorou, autor que escreveu sobre este filme, observa que Voulgaris “abandona a retórica histórica épica da esquerda e explora

uma reescrita crítica da história de forma dialógica e paradigmática, evitando tanto a representação monumentalizada como a sacralização da memória.”

Baseado no romance *O loimos*, de Andreas Franghias, Voulgaris constrói uma alegoria disciplinar onde o abstrato da autoridade roça uma realidade Orwelliana que se demonstra na atmosfera absurda de um campo de concentração, um universo distópico onde vozes anónimas de altifalantes dão ordens. Os prisioneiros são obrigados a tarefas inúteis, exercícios degradantes e cerimónias destinadas a provar a eficácia do campo. Quando uma alta figura do regime - a “grande mãe”, eco monárquico e maternal do poder – anuncia uma visita oficial, tudo se reorganiza para produzir o espetáculo de ordem. A verdade política depende aqui da cenografia, e a violência, como tantas vezes nos autoritarismos, prefere apresentar-se limpa e funcional

O centro dramático do filme reside, porém, na figura de um preso que recusa assinar a declaração de arrependimento exigida pelas autoridades; não cede (Em 1974, após a queda do Regime o Partido Comunista não aceitava nos quadros quem tivesse assinado esta declaração). Mas é precisamente essa recusa que desestabiliza todo o mecanismo repressivo. Num sistema construído sobre confissão, conversão e obediência, quem resiste torna-se intolerável. Mais ainda quando regressa, literalmente, do lugar onde o poder o declarara morto - atirado ao mar como morto e com a sua família a ser informada de que cometera suicídio. A sua reaparição durante a visita da "grande mãe" destrói de vez o mito dos "dias felizes" na ilha, expondo a farsa do regime.

Formalmente, **Happy Day** afasta-se do tom austero que o tema poderia sugerir. Voulgaris filma com rigor plástico, atenção à cor, ao espaço e ao movimento coletivo. O sol inclemente – porventura o mesmo que encadeia Meursault, já que os dois territórios são banhados pelo Mediterrâneo - a secura da paisagem e a geometria dos corpos em fila transformam a ilha num horrífico palco de luz. E, ao longo de todo o filme, o mar está sempre lá - não apenas visível, mas audível, através do som persistente. Os planos gerais invocam a distância que separa a ilha do continente e a sensação de isolamento do resto do mundo. A natureza, assim, não é um mero cenário sublinha a solidão e a clausura.

O que torna o filme tão perturbador quase cinquenta anos depois é que **Happy Day** compreende que a repressão moderna não vive apenas da força, mas da gestão de imagens, da fabricação de consensos e da exigência de participação no próprio teatro do poder. Não basta obedecer, é preciso parecer feliz ao obedecer. Voulgaris filmou não só uma página dolorosa da história grega, mas uma lição duradoura sobre a obscena alegria que os regimes autoritários gostam de encenar.

Tiago Leonardo